

METODOLOGIAS ATIVAS PARA FOMENTAR A VOCAÇÃO EMPREENDEDORA

ACTIVE METHODOLOGIES TO PROMOTE THE ENTREPRENEURSHIP

Ensino e Pesquisa em Administração

Carolina Carmem Ribeiro, UEPG, Brasil, carolina.carmem@hotmail.com

Gislaine Martinelli Baniski,, UEPG, Brasil, gislainebaniski@uepg.br

Livio Marcel Queji, UEPG Brasil, livioqueji@uepg.br

Resumo

Este estudo discute a percepção de estudantes sobre o uso de metodologias ativas para o desenvolvimento da vocação empreendedora. Para tanto, foi utilizada a técnica de complemento de frase, onde os respondentes continuavam uma afirmativa proposta, com o primeiro pensamento que lhes ocorresse. Este método mostrou-se adequado e permitiu afirmativas sinceras e que exprimiam as emoções que as frases suscitavam nos alunos. Por meio desta pesquisa, ficou evidente que o ensino de empreendedorismo deve ser tema transversal em todas as disciplinas de um curso, não somente cursos de gestão, mas em todos que pretendam incentivar a formação de profissionais inovadores e capazes de melhorar as demandas da sociedade. O uso de metodologias ativas e instrumentos inovadores no ensino foram percebidos pelos alunos como favoráveis ao desenvolvimento da vocação empreendedora, mas ainda precisam se mais adotados com a intenção de desenvolver iniciativas, cultura de inovação e demais competências necessárias tanto para o empreendedor ou intraempreendedor.

Palavras-chave: *empreendedorismo; metodologias ativas; vocação empreendedora, educação empreendedora*

Abstract

This study discusses the perception of students about the use of active methodologies for the entrepreneurial vocation. For that, the phrase complement technique was used, where the respondents continued a proposed statement, with the first thought that occurred to them. This method proved to be adequate and allowed for sincere statements that expressed the emotions that the sentences succumbed to the students. Through this research, it became evident that the teaching of entrepreneurship must be a transversal theme in all the subjects of a course, not only management courses, but in all that intend to encourage the formation of innovative professionals capable of improving the demands of society. The use of active methodologies and innovative instruments in teaching were perceived by students as favorable to the development of entrepreneurial vocation, but they still need to be adopted more with the intention of developing initiatives, a culture of innovation and other skills necessary for both the entrepreneur and intrapreneur.

Keywords: *entrepreneurship, active methodologies, entrepreneurial education*

1. INTRODUÇÃO

A educação empreendedora visa desenvolver competências atitudinais que qualificam o indivíduo para a ação, assim sendo, as metodologias adotadas em sala de aula podem servir de elemento incentivador destas competências ou limitador. Quando pensa-se em novas perspectivas em relação ao ensino necessita-se levar em consideração a geração atual. Antigamente, o acesso a informação era limitado e este mundo virtual quase não existia.

Atualmente, a internet está na vida de todos e a informação é acessível a qualquer um, ou seja, o docente não é mais visto como o único detentor do conhecimento, devendo servir mais como um papel de facilitador, problematizador das competências a serem formadas.

Este artigo pretendeu utilizar que uma técnica inovadora, a do complemento de frase, no raciocínio de provocar os respondentes ao novo, motivando-os para o tema mas metodologias ativas e sua aplicação no desenvolvimento da vocação empreendedora.

Para atingir o fim proposto, o de discutir a percepção dos estudantes sobre suas preferências ou não para o aprendizado, foi realizada uma revisão teórica sobre métodos que tem sido aplicados no ensino do empreendedorismo, resgata-se conceitos centrais sobre metodologias ativas e instrumentos para o ensino.

Por fim, agrupa-se em categorias de estudo as principais reflexões dos pesquisados, orientando como estes vêm a vocação empreendedora e a forma como as aulas são desenvolvidas na maior parte de seus dias letivos.

2.1 REVISÃO TEÓRICA

2.2 INSTRUMENTOS E METODOLOGIAS PARA O ENSINO

Para a melhor compreensão destes dois termos “instrumentos e metodologias” o ponto de partida será determinado através da recepção da informação pelas pessoas. Conforme Xifra-Heras (1974) a informação pode ser entendida como um modo ou estrutura a uma experiência individual, porém não limita-se apenas a isso. Estes dois, precisam ser ligados a símbolos que consigam ser entendidos. Outro conceito acerca da informação é este:

No corpo humano, as informações são transmitidas sob a forma de pulsos que caminham ao longo de fibras nervosas. O sistema nervoso humano dirige os movimentos através da transmissão de sinais que partem dos centros controladores e caminham através dos músculos, os quais se contratem e executam o movimento ordenado (Edwards, 1964).

Portanto, compreende-se que a informação não está inserida somente as áreas das engenharias ou biologia, ela também é importante para outros fins de estudo como as ciências sociais aplicadas. Sabendo disto, será definido o conceito de metodologia. De acordo com o dicionário Saraiva (2010) metodologia é o “Conjunto de métodos ou regras aplicados a algo”. Observa-se que estes métodos e regras variam de acordo em que se aplica. Por exemplo, as regras utilizadas para lecionar matemática não são as mesmas para a filosofia. Desta forma, compreende-se que as metodologias variam e podem propiciar o aprendizado.

Quanto a palavra instrumento admite os seguintes conceitos:

- 1.Objeto ou aparelho com que se executa algum trabalho ou se faz alguma observação.
- 2.Qualquer peça de uma coleção de ferramenta.
- 3.Artefato destinado a produzir sons musicais.
- 4.Pessoa ou coisa que serve de meio ou auxílio para determinado fim
5. Meio com que se consegue alguma coisa.
6. [Direito] Documento; escritura.” (Priberam Dicionário, 2020)

Para o entendimento, serão destacados os significados 1,4 e 5. Desta forma, pode-se traduzir instrumento como ferramenta que auxilia para um determinado fim. Dentro desta pesquisa, também serão buscadas os instrumentos que auxiliam nas metodologias de ensino.

Quando pensa-se em novas perspectivas em relação ao ensino necessita-se levar em consideração a geração atual. Antigamente, o acesso a informação era limitado e este mundo virtual quase não existia. Atualmente, a internet está na vida de todos e a informação é acessível a qualquer um. Envolvidos neste contexto, os lecionadores encontram-se em um impasse, pois os alunos podem aprender em qualquer local, hora e com pessoas do mundo todo (Almeida & VALENTE, 2012).

Há indicadores que permitem argumentar a favor do currículo por projetos como o centro de mudança em potencial para aqueles segmentos da educação que entendem ser necessário recuperar a totalidade do conhecimento e romper com o conservadorismo das práticas pedagógicas repetitivas e acríticas (KELLER-FRANCO & MASSETTO, 2012).

As novas formas de pensar sobre os modelos utilizados para lecionar aos alunos é uma temática recente e que gera muitas discussões. Segundo o pensamento de Morán (2015) o alvo a ser alcançado deve ser alinhado a metodologia desfrutada. Se a proatividade e a criatividade são pontos a serem desenvolvidos pelos professores nos alunos, as metodologias precisam ser voltadas para estes fins, as atividades precisam explorar estas características para desenvolver os indivíduos.

2.3 METODOLOGIAS ATIVAS

No cenário atual desenvolver novos métodos de aprendizagem é um grande desafio. De acordo com Borges e Alencar (2014) o desenvolvimento do aprender é mediado pelos professores afim de produzir indivíduos críticos nas divergentes áreas do conhecimento. Tendo assim a função de colocar o aluno em posição de destaque como protagonista do aprendizado (Rosso; Taglieber, 1992). Outro fator importante é a utilização da tecnologia que compõe algumas metodologias ativas. Além de que com ela é possível acessar diversos conteúdos, realizar aulas e dentre outros o currículo do indivíduo transpõe as barreiras geográficas proporcionando novos conhecimentos (Almeida e Valente, 2012). Deste modo serão apresentadas as metodologias ativas mais utilizadas:

a) Flipped Classroom ou Flipped Learning

Conforme o SEBRAE (2017) este termo é conhecido como aula invertida, onde aquela forma tradicional em que o professor é quem demonstra e expõe o conteúdo é trocada. Os alunos assumem o papel de protagonista e isto faz com que eles sejam estimulados a aprender. Também auxiliam na gestão do tempo e organização para o seu estudo. Ainda o site destacada que a Flipped Classroom é formada em 3 pilares:

- 1) Antes da aula: onde os professores projetam o tema a ser abordado e a forma com que as atividades serão desenvolvidas;
- 2) Durante a aula: Onde os alunos envolvem-se nas atividades proposta pelos professores e estas visam explorar o aprendizado de cada um;
- 3) Depois da aula: Onde o professor verifica se os objetivos planejados foram executados e se os indivíduos realmente aprenderam o conteúdo.

Nesta forma de aprendizado, um site que pode auxiliar o professor a fazer sua sala invertida é o Flipped Learning-Global Initiative.

b) Blended learning

Segundo Garrison & Vaughan (2008) o Blended Learning é uma experiência equilibrada entre as práticas vivenciadas em sala de aula presencialmente mediada com a tecnologia. Conforme Staker e Horn (2012) nesta modalidade (que por si só possui inúmeras opções) os autores consideram que o ensino ora é feito em sala de aula tendo contato com os colegas e ora é feito online onde o aluno gerencia a forma que vai estudar. Neste caso, o aluno escolhe uma ou mais disciplinas que queira realizar no modo virtual para completar as matérias feitas presencialmente.

c) Problem-based learning

De acordo com Dolmans (2005) este tipo de abordagem pode ser considerada como uma tarefa que exige um plano de fundo (contexto), autogerida, cooperativa e evolutiva. Este método envolve problemas significativos em que os alunos tentam solucionar baseando-se em seus

conhecimentos prévios e suas vivências, além da sabedoria coletiva (Barrowns e Tambly, 1980). Portanto é possível que o aluno aprenda os conceitos e temas abordados gerando ainda uma melhor compreensão dos contextos e desenvolvimentos acerca de si mesmo, em momentos que sejam aprendidos efetivamente (Baden,2000).

d) Inquiry-based learning

Este molde de ensino é obtido através das perguntas utilizando os métodos similares aos praticados pelos cientistas afim de produzir conhecimento (Keselman,2003). De um modo geral é vista como um modelos que utiliza dos questionamentos que levam ao conhecimento de um certo tema (Pedaste e Sarapuu,2006). Ainda pode-se dizer que este formato de aprendizagem torna-se ainda mais eficaz com o uso da tecnologia nas pesquisas (DE JONG, SOTIRIOU E GILLET,2014).

Por fim, as metodologias ativas auxiliam nas aulas e principalmente na construção do conhecimento adquirido pelo aluno. Conforme o CER- Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora- as escolas que tem adotado o ensino baseado em competências tem gerado grandes impactos positivos. Segundo o site, os indivíduos acabam evoluindo ao passo que dominam as habilidades necessárias. Deste modo as novas metodologias contribuem para a aprendizagem dos alunos e desafia as aulas tradicionais lecionadas.

2.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Segundo Brandão (2005) educação pode ser definida como um agente de transformação social, incluindo todas as formas de suas aprendizagens em uma cultura afim de construir indivíduos distintos para viver de acordo com os padrões da sociedade que está inserido.

Por esta razão, o sujeito é capaz de socializar-se e assim torna-se produto dos fatores que o influenciam. Logo, outro conceito a ser abordado está relacionado ao empreendedorismo. Os autores Hisrich & Peter (2004) afirmam que o empreendedorismo é muito mais do que simples ganho em renda per capita, está associado as mudanças e rupturas do negócio na sociedade. Com esta visão geral dessas duas caracterizações, tem-se o impulso necessário para compreender o significado de educação empreendedora.

O Sebrae (2020) define educação empreendedora como o aguçar o empreendedorismo nos indivíduos utilizando métodos em que estes desenvolvam os seus negócios conhecido como “faça você mesmo”. Por esta razão, compreende-se que não se nasce sabendo empreender, isto se aprende. Esta assertiva, pode ser confirmada por Lopes (2010), afirmando que o fazer estimula o raciocínio do indivíduo incentivando-o a descobrir qualidades antes não observadas.

De acordo com Katz (2003) em 1947, nos Estados Unidos Myles Mace tornou-se o primeiro a lecionar sobre o tema. Em contrapartida, as gerações seguintes já não tiveram a base necessária para desenvolver o ensino nesta área (Henrique; Cunha, 2008). O empreendedorismo pode ser amplamente assimilado ao desenvolvimento econômico, mas sabe-se que vai além disto. Geralmente está relacionado a geração de empregos e incentivo a novos negócios. Conforme Lackéus (2015) outras discussões tem surgido recentemente em prol da educação empreendedora. Tais argumentos tem sido voltados ao poder da educação em capacitar profissionais e estudantes, criando assim o senso de responsabilidade para o novo mercado de trabalho. Ainda Lackéus (2016) afirma que a busca da mocidade pelo empreendedorismo social pode estar vinculado a resolução de problemas, visto que a luta pela igualdade e por direitos são temas recorrentes entre os jovens. Portanto, as experiências desenvolvidas por eles pode influenciar no conhecimento além da teoria.

Dentre os autores, existe a distinção entre a definição ampla e estrita do empreendedorismo, juntamente aos termos “*enterprise education*” e “*entrepreneurship education*”. Para QAA (2012) o primeiro termo está associado a conceituação ampla do empreendedorismo, ao desenvolvimento da criação de ideias e fazer com que estas se concretizem. Já o segundo está

relacionado ao modo restrito de empreendedorismo voltado as capacidades e conhecimentos adicionais para geração de um novo negócio. Portanto, cabe aqui destacar a importância da definição para educação empreendedora.

Para Kirby (2007) é provocador romper o sistema educacional afim de desenvolver as qualidades e competências a serem processadas pelo empreendedor deve ser um dos focos da educação empreendedora. Conforme o autor Lackéus (2015) tais competências estão relacionadas a ações, pensamentos e vivências que auxiliam no processo do empreendedor gerando um novo sentido para algo.

Difundir o conhecimento sobre educação empreendedora é um grande desafio e falar sobre o assunto é o que eventualmente ocorre. Quando trata-se deste tema, procura-se realizar palestras e abordagens mais teóricas. (PENALUNA, 2012). Ainda o autor Penaluna, afirma que ensinar para o empreendedorismo necessita de um contexto onde os alunos possam enxergar oportunidades e repensar sobre o por vir. Deste modo, Lakéus (2015) conclui que transmitir o conhecimento através do empreendedorismo sugere que o estudante vivencie a criação e realidade de um negócio a fim de produzir novas experiências.

2.4 VOCAÇÃO EMPREENDEDORA

Entender a mentalidade do empreendedor é o ponto chave para a definição da vocação empreendedora. O autor McClelland (1961) afirma que as qualidades psicológicas estão associadas à realização.

A observação das ações e pensamentos do empreendedor pode propiciar atitudes que visem criar um ambiente empreendedor (ROCHA e FREITAS, 2014). Para a compreensão da mentalidade empreendedora o pensamento deste “ator” ainda é um tema pouco explorado nesta área (Filion & Lima, 2009). Segundo Ramos:

“O sujeito que tem uma mentalidade empreendedora, pensa e age de forma empreendedora, e segue o que acredita ser uma oportunidade, independentemente de outras habilidades e capacidades que possua” (RAMOS, 2015, p. 46).

Os modelos mentais tem tomado os palcos de discussões entre os diversos autores. Para Barini Filho (2008) os modelos mentais são a soma de todas as experiências, os ambientes e doutrinas vividas pelo indivíduo. Este conjunto de fatores propicia a compreensão da vida real e dos novos dados assimilados.

Estes são fundamentais para que haja a compreensão no que diz respeito a vocação. De acordo com De Toni e Milan (2008) as interações externas e soma de tudo o que já foi vivenciado pelo empreendedor tem influencia sobre a sua mente. Muitos estudos foram realizados e chegou-se as seguintes fases: “Conhecimentos, Habilidades Emocionais, Mente Linear, Relacionamento, Comunicação, Estratégia, Criatividade e Vocação” (DIAS, 2015). Para De Toni et. al, 2014; Dias, (2015) estas etapas podem ser vistas como:

Conhecimento: ato de transmitir o que foi aprendido ou formar novos conhecimentos, além das informações teóricas é destacado também pela vontade de aprender.

Habilidades Emocionais: está relacionada a autoestima do empreendedor. O sujeito é resultados das experiências e ações desenvolvidas ao longo de sua vida destacando ainda as possibilidades de sofrer ameaças ou não em seus negócios, manter-se ou não em zona de conforto e conquistar o seu espaço.

Mente Linear: caracteriza-se por todas as suas vivências e as suas decisões ao decorrer de sua vida.

Relacionamento: ligações entre as pessoas, respeito as escolhas e decisões do outro além das suas relações saudáveis.

Comunicação: Está focado na conduta desenvolvida pelo sujeito, seus valores e padrões que foi criado.

Estratégia: É a visão do porvir, incluindo o planejamento e alinhamento das estratégias visando o sucesso e necessidades desenvolvidos pelo negócio.

Vocação: Pode ser considerado como o propósito, o objetivo e o amor ao que faz colaborando para o bem do negócio.

Sobre estes processos Mioranza (2012) afirma que existe uma evolução no pensamento do sujeito. Conforme o passar do tempo e o amadurecimento tanto das ideias, pensamentos e crenças como também através dos estudos e teorias.

Com base nisto desenvolve-se a mentalidade empreendedora. Segundo Dolabela & Filion (2013) os indivíduos empreendedores tentam ajustar seus sonhos com o autoconhecimento, cometendo falhas e acertos afim de sempre progredir no que diz respeito a realização do sonho.

Por fim é possível afirmar que o mundo subjetivo do empreendedorismo com a adaptação necessária da realidade torna-se imprescindível para o conhecimento da mentalidade empreendedora. As ações e o comportamento do sujeito empreendedor formam um cenário propício para a compreensão das informações produzidas por ele (FILION e LIMA, 2010).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo aborda uma pesquisa qualitativa descritiva, de natureza aplicada. Segundo Thiollent (2009), a pesquisa aplicada está focada nos problemas da sociedade. Ela tem como objetivo de detectar dilemas e solucionar as questões.

Quanto a abordagem do problema possui o caráter qualitativo. De acordo com Michel (2005) pode ser compreendido como o mais utilizado nas ciências sociais, pois o investigador participa, analisa e compreende não buscando apenas resultados, mas sim procurando interpretar os dados da melhor maneira possível.

A coleta de dados foi realizada junto a alunos do curso de Administração de uma universidade estadual, com a finalidade de conhecer o pensamento dos estudantes sobre o ensino em geral e sobre o desenvolvimento da vocação empreendedora no curso e na disciplina específica de empreendedorismo. O universo de pesquisa incluiu 100 estudantes, dos primeiros anos curso, dos quais obteve-se um retorno de 38 questionários.

O método utilizado para esta investigação é considerado como dedutivo. Parte de um princípio geral para o específico. Para Marconi; Lakatos (2000) este método é racional utilizando-se de um enunciado para um resultado essencial através da realização de procedimentos lógicos.

Quanto aos procedimentos utilizou-se o teste complemento de frase. Segundo González-Rey (2005) esta pesquisa tem como função iniciar com uma proposição que induz o indivíduo responde com aquilo que lhe vier a mente.

O formulário de coleta de dados com a técnica de “complemento de frase”, conforme Ferreira, Rese e Nogueira (2013), foi realizado no Google Forms. Os estudantes deveriam dar continuidade a dezoito afirmativas, sobre a educação, metodologias ativas e como percebiam que sua vocação empreendedora estava sendo estimulada.

Por fim, com base em Kramer (1988) e Katz (2006) nos estudos de corte transversal observa-se apenas o momento em que a pesquisa é realizada e não a evolução do tema proposto.

Após analisados, os questionários foram agrupados por similaridade e pertinência dos assuntos, gerando conclusões sendo triangulados com a teoria envolvendo vocação empreendedora.

Segue-se para a seção de análise e discussão dos resultados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Procurou-se unir as perguntas que tem a mesma finalidade ou são sinônimas a fim de sintetizar as informações e colocar as palavras que mais repetiram.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

A idade média dos acadêmicos é de 19 anos, a maioria é pertencente ao curso de Administração inseridos do período noturno. Por fim, a maior parte dos respondentes é do sexo feminino e está cursando o 1º ano.

4.1.1 Preferências de Aprendizado

A categoria de estudo Preferências de Aprendizado simboliza a forma como os pesquisados optaram por dizer como percebiam que aprendiam. Resulta da união das perguntas abaixo:

- a) Eu sinto que aprendo mais quando...
- b) A melhor forma de aprender é...
- c) Procuo saber mais sobre o assunto trabalhado em sala de aula quando...
 - Ensinar outra pessoa
 - Concentração/ambiente adequado
 - Dinâmicas
 - Explicações com exemplos do dia a dia
 - Aprender fazendo
 - Aprendizado visual
 - Interação entre professor e aluno
 - Ouvindo
 - Escrevendo
 - Exercícios
 - Leitura
 - Desafios
 - Instiga os alunos através da curiosidade
 - Atividades extracurriculares

Através desta tabela pode-se observar as respostas dos acadêmicos em relação às preferências de aprendizado. Segundo Xifra-Heras (1974) as informações vêm de experiências individuais e com isso pode-se afirmar que cada um aprende e sintetiza as informações do seu modo.

Portanto a afirmação de Morán (2015) sobre as metodologias dos professores estarem alinhadas ao alvo que pretendem atingir torna-se verdadeira. É necessário o desenvolvimento de seres pensantes que utilizem sua criatividade para a evolução própria e até mesmo do contexto que está inserido.

4.2 PRÁTICAS COM BAIXA ACEITAÇÃO

No mesmo raciocínio, as praticas citadas como pouco favoráveis ao aprendizado advieram da união das perguntas 3, 4, 7 e 12:

03. Em relação ao ensino, a pior coisa que o professor faz é...
04. Não gosto quando as aulas são...
07. Sinto-me desmotivado (a) quando...
12. O que não deveria existir nas aulas é...

- Exposição do conteúdo apenas em slide
- Aulas que são apenas teóricas
- Sem interação com os alunos
- Textos complexos
- Monotonia
- Fazer trabalhos sem ter informações sobre
- Trabalhos muito extensos
- Não tirar dúvidas
- Não responder objetivamente a pergunta
- Considerar que o aluno já sabe sobre o que está sendo falado
- Aulas extensas
- Aulas em que parece um monólogo
- Aulas que são distantes da realidade
- Não gostam da disciplina
- Desorganização
- Explicação confusa
- Constrangimento ao aluno
- Discussões desnecessárias
- Falta de respeito tanto do professor quanto do aluno
- Assuntos não vinculados a aula

De acordo com Brandão (2005) a educação é um agente de transformação social incluindo todas as formas de aprendizagem. O que ocorre nesta segunda tabela são as práticas que não são atrativas para os alunos.

As metodologias ativas auxiliam no processo dos indivíduos em busca do conhecimento, porém cabe ao professor e ao aluno trabalharem juntos para que isto ocorra rompendo com o tradicional (KELLER-FRANCO & MASSETTO,2012).

As práticas das metodologias ativas colaboram para a evolução dos indivíduos auxiliando-os na aprendizagem.

4.3 COMPREENSÃO SOBRE METODOLOGIAS ATIVAS

A pergunta 10 tem como questão “O significado de metodologias ativas é...” com base no que os acadêmicos expuseram eles consideram que metodologias ativas são onde o professor age como um guia do aluno tornando-o protagonista do ensino. Tal afirmação pode ser comprovada por Rosso; Taglieber (1992).

Entendem também que há necessidade do estudante dedicar-se nos estudos para que haja compreensão do conteúdo. Dos trinta e cinco respondentes, nove não souberam responder.

Quando questionados: “ Já ouviu falar em metodologias ativas quando...”, eles responderam que as disciplinas de Gestão estratégica e Gestão Empresarial foram o ponto de partida sobre o assunto.

Também muitos descobriram através de pesquisas o significado ou no ensino médio. A utilização da tecnologia corrobora para transpor as barreiras geográficas e permite que os estudantes trazendo novos entendimentos (ALMEIDA e VALENTE, 2012). Cabe destacar que onze entrevistados disseram que não sabem.

As questões 11 “Aulas que utilizam metodologias ativas são...”, 13 “Minhas experiências com metodologias ativas foram...” e 16 “Aulas que utilizam dinâmicas em grupo são...” foram reunidas e filtradas as palavras que mais repetiram. Os acadêmicos afirmaram que as aulas que utilizam estas práticas são boas, de fácil compreensão, divertidas e que desafiam os alunos.

Outros disseram que os momentos que tiveram foram insuficientes para formar uma resposta, ineficazes por conta da desorganização e outros afirmaram que não sabem responder.

4.4 EMPREENDEDORISMO

Na questão 17 indagou-se a seguinte proposição: “ Para mim o Empreendedorismo é...” a maioria dos alunos afirmou que é fundamental para o ensino. Não é exclusivo a área de Administração, mas também de interesse de todos os cursos.

Nesse sentido observa-se que a definição trazida pelo Sebrae (2020) unida com os escritos de Lopes (2010) é relevante para os estudantes. Aguçar o empreendedorismo usando métodos do modelo “faça você mesmo” é o ponto chave para os alunos serem motivados a olhar o empreendedorismo com outros olhos, além de descobrir horizontes antes não observados.

Nesse sentido Hisrich & Peter (2004) afirmam que ele está ligado às rupturas do negócio na sociedade, ainda os acadêmicos afirmam que trazer exemplos de sucesso os instigam. Portanto, vemos que estes autores corroboram com o conceito trazido pelo Sebrae.

Os alunos também responderam que o ensino de empreendedorismo é incentivador e que traz a eles coragem para seguir os seus objetivos. Quando perguntou-se em abrir o seu próprio negócio, muitos inspiram-se em seus pais ou parentes, outros descobriram oportunidades em aulas de empreendedorismo e até mesmo quando descobriram algum talento.

O autor Kirby (2007) contribui com suas afirmações no que diz respeito a transpor as barreiras do sistema tradicional desenvolvendo qualidades dos empreendedores. Desta forma, entende-se a importância de buscar evoluir os processos de aprendizado dos indivíduos ajudando-os a descobrir suas habilidades.

Por fim, pode-se dizer que o escritor Penaluna (2012) colabora com os escritos de Kirby chegando a conclusão de que ensinar o empreendedorismo necessita que os alunos enxerguem oportunidades no por vir dando o estímulo necessário a esses. O conhecimento de pessoas com histórias inspiradoras favorece o engajamento dos sujeitos.

Quando busca-se na literatura sobre a vocação empreendedora Ramos (2015) entende que o indivíduo empreendedor ele age, pensa e concentra-se em seus objetivos acreditando nas oportunidades e não olha para as suas limitações. Portanto, consegue-se afirmar que os empreendedores são pessoas motivadas, que descobrem seus talentos e investem em seus sonhos. As frases respondidas pelos sujeitos onde dizem que conheceram pessoas inspiradoras ou que pensam em empreender porque viram seus pais criando seu próprio negócio é confirmada por De Toni e Milan (2008) a soma das influências externas e vivências induz a mente do empreendedor. Desta forma, Filho (2008) contribui com tal afirmação.

A criação de um ambiente empreendedor pode ser fruto de pensamentos como não querer ter chefe, opressão na empresa que está inserido ou até mesmo pelo seu sonhos. Essas proposições são ditas por Rocha & Freitas.

Por fim, conclui-se que o ensino do empreendedorismo aliado às próprias descobertas do indivíduo contribui para o seu crescimento e desenvolvimento.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi verificar a percepção de estudantes de um curso sobre a formação e impulsionamento de sua vocação empreendedora. Para tanto, a técnica de complemento de frase mostrou-se adequada e permitiu afirmativas sinceras e que exprimiam as emoções que as frases suscitavam nos alunos.

Ficou evidente que o ensino de empreendedorismo deve ser tema transversal em todas as disciplinas de um curso, não somente cursos de gestão, mas em todos que pretendam incentivar a formação de profissionais inovadores e capazes de melhorar as demandas da sociedade.

O uso de metodologias ativas e instrumentos inovadores no ensino foram percebidos pelos alunos como favoráveis ao desenvolvimento da vocação empreendedora.

Não causa surpresa a informação de que muitos estudantes desconhecem metodologias ativas e que grande parte das aulas ainda se configurem como exposição centrada no professor.

Ambientes ativos, espaço maker, do tipo que os estudantes experimentem, arrisquem e implementem seus raciocínios tem boa adesão e demonstram ser o futuro para a educação. Ainda mais se pensarmos numa formação que se propõe a desenvolver competências concretas para aplicação no empreendedorismo do futuro.

No outro lado, aulas cansativas, excesso de exposição com uso de slides e teoria desvinculada da aplicação prática são afirmativas que desmotivam e requerem discussão e preparo para que a educação efetivamente encontre resultados na entrega de profissionais qualificados ao mercado.

Como recomendação de estudos futuros, estimula-se fortemente a aplicação de questionários de mensuração da percepção dos estudantes sobre métodos de ensino em outras instituições, gerando estudos comparativos entre cursos, universidades e localidades.

REFERÊNCIAS

- Baden-S. M. (2000). *Aprendizagem baseada em problemas no ensino superior: histórias não contadas*. Sociedade de Pesquisa em Ensino Superior: Open University Press, Buckingham.
- Barini Filho, U. (2008). *Transmissão da competência empreendedora: um estudo de casos múltiplos*. Pp.157. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo.
- Barrows H.S, Tamblyn R.M. (1980). *Aprendizagem baseada em problemas: uma abordagem à educação médica*. Nova York, Springer Pub, Co.
- Borges, T. S.; Alencar G. (2014). *Metodologias Ativas na Promoção da Formação Crítica do Estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do Ensino Superior*. Cairu em Revista: Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. v.3, n.4, pp. 119-143, http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2 (10 de Agosto de 2020).
- Brandão, C. R. (2005). *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense. Ed. 46°.
- Cer- Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora. *Ensino baseado em competências- Entenda a tendência que está transformando os rumos da educação*, <https://cer.sebrae.com.br/ensino-baseado-em-competencias> (04 de Agosto de 2020).
- De Jong, AW Lazonder. (2014). *The guided discovery principle in multimedia learning, in The Cambridge handbook of multimedia learning*, ed. by RE Mayer, JJG van Merriënboer, W Schnotz, J Elen, 2nd edn. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 371–390.
- De Toni, D., & Milan G. S. (2008). *A relação entre os modelos mentais dos empreendedores e o desempenho organizacional: um estudo exploratório em duas empresas do setor metalmeccânico*. READ - Revista Eletrônica de Administração, v. 14, n. 3, pp. 1-28.
- De Toni, D., Mioranza, G., Milan, G. S., & Larentis, F. (2014a). *As dimensões dos modelos mentais dos empreendedores e seus impactos sobre o desempenho organizacional*. READ - Revista Eletrônica de Administração, v. 79, n. 3, pp. 713-739.

- Dias, D. T. A. (2015). *Impactos dos modelos mentais no desempenho organizacional: um estudo no setor metal-mecânico de Caxias do Sul*. Dissertação de Mestrado – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Administração.
- Dolabela, F., & Filion, L. J. (2013). *Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação*. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v.3, n.2, pp. 134-181.
- Dolmans D., W. De Grave, I. Wolfhagen, CPM van der Vleuten. (2005). *Aprendizagem baseada em problemas: desafios futuros para a prática e pesquisa educacional*. Med Educ, pp. 732 – 741.
- Edwards, E. (1964). *Introdução à teoria da informação*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, pp. 147.
- Ferreira, J; Rese, Natalia, Nogueira, Eros. Empreendedoras escrevem a própria história: estudo realizado a partir do teste de complemento de frase. RGO: Revista Gestão Organizacional. Vol 6, 2013.
- Filion, L. J., & Lima, E. (2010). *As representações empreendedoras: importantes temas para avançar em seus estudos*. Revista de Negócios, Blumenau, v. 15, n. 2, pp. 32-52.
- Filion, L. J., & Lima, E. (2009). *As representações empreendedoras: um tema essencial, mas ainda negligenciado*. Revista de Negócios, Blumenau, v. 14, n. 2, pp. 89-107.
- Fleury L. T. M., Werlang C. R. S. (2016-2017). *Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens*. PDF.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. Apostila.
- Garrison, D. R., & Vaughan, N. (2008). *Blended learning in higher education*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Goldemberg, M. (2002). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 6. ed. São Paulo: Record.
- González-Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. (M. A. Silva, Trad.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Henrique D.; Cunha S. K. (2008). *Práticas Didático-pedagógicas no Ensino de Empreendedorismo em Cursos de Graduação e Pós-Graduação Nacionais e Internacionais*. RAM.
- Hisrich, R. D., & Peter, M. P. (2004). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.
- Katz, J. A. (2003). *The Chronology and Intellectual Trajectory of American Entrepreneurship Education - 1876-1999*. Journal of Business Venturing, v. 18, n. 2, pp. 283, 2003.
- Katz M.H. (2006). *Study Design and Statistical Analysis*. New York: Cambridge University Press.
- Kirby, D. (2004). *Entrepreneurship education: can business schools meet the challenge? Education + Training*, v. 46, n. 8/9, pp. 510-519.
- Kramer M.S. (1988). *Clinical Epidemiology and Biostatistics*. Berlin: Springer-Verlag.
- Lackéus, M. (2015). *Entrepreneurship in Education: What, Why, When, How*. Entrepreneurship 360 – Background Paper. European Commission.
- Lackéus, M. (2016). *Value Creation as Educational Practice – Towards a new Educational Philosophy grounded in Entrepreneurship*. Division of Management of Organizational Renewal and Entrepreneurship, Department of Technology Management and Economics, Chalmers University of Technology, Gothenburg, Sweden.
- Lopes, R. M. A. (2010). *Educação empreendedora: Conceitos, modelos e práticas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, pp. 256.
- Massetto, M. (2012). *Competência pedagógica do professor universitário*. 2. ed. São Paulo: Summus.
- Mcclelland, D. C. (1961). *The achieving society*. Princeton, New Jersey: Van Nostrand.

- Michel, M. H. (2005). *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas.
- Mioranza, G. (2012). *Modelos mentais dos empreendedores e sua relação como o desempenho organizacional: um estudo no setor metal-mecânico de Caxias do Sul*. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração. Caxias do Sul.
- Morán, J. (2015). *Mudando a educação com metodologias ativas*. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens], v. II.
- Oliveira, R. C. G. (2010). *Saraiva Jovem: Dicionário da língua portuguesa ilustrado*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, pp. 1312.
- Penaluna, A. (2012). *Enterprise and entrepreneurship education: Guidance for UK higher education providers*. United Kingdom: The Quality Assurance Agency for Higher Education.
- Pedaste M., Sarapuu T. (2006). *Desenvolvendo um sistema de suporte eficaz para aprendizagem por inquérito em um ambiente baseado na Web* *Journal of Computer Assisted Aprendizagem*, pp. 47 – 62.
- Priberam Dicionário (2020), <https://dicionario.priberam.org/instrumento> (09 de Janeiro 2020).
- QAA. (2012). *Enterprise and Entrepreneurship Education: Guidance for UK Higher Education Providers*. A Agência de Garantia da Qualidade para o Ensino Superior, www.qaa.ac.uk (11 de Agosto de 2020).
- Ramos, J. L. G. (2015). *Aprendizagem empreendedora diante do insucesso empresarial: uma perspectiva de empreendedores brasileiros e uruguaios que vivenciaram o fracasso empresarial*. pp. 195. Dissertação de Mestrado. PPGA – UFSM.
- Rocha, E. L. C., & Freitas, A. A. F. (2014). *Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor*. RAC, Rio de Janeiro, v.18, n. 4, art. 5, pp. 465-486.
- Rosso, A. J.; Taglieber, J. E. (1992). *Métodos Ativos e Atividade de Ensino*. *Perspectiva*. v.10, n.17, pp.37-46, <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9147/10689>. (11 de Agosto de 2020).
- Sebrae (2017). *Conheça a metodologia Aprendizagem Invertida*, <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/conheca-a-metodologia-de-educacao-empreendedoraaprendizageminvertida.ed633ea344900610VgnVCM1000004c00210aRCRD> (21 de Janeiro de 2020).
- Sebrae. [2020]. Educação empreendedora, <https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/o-que-e-educacao-empreendedora,61d97e573644d610VgnVCM1000004c00210aRCRD> (29 de Junho de 2020).
- Significados. [2020?]. Significado de Educação, <https://www.significados.com.br/educacao/ac08ptesso> (29 de Junho de 2020).
- Staker, H.b; Horn, M. B. *Classifying K–12 blended learning*. Mountain View.
- Thiollent, M. (2009). *Metodologia de Pesquisa-ação*. São Paulo: Saraiva.
- Valente, J.; Almeida, M. E. B. (2014). *Narrativas digitais e o estudo de contextos de aprendizagem*. *Revista Em Rede*. v. 1, n. 1, <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/10> (11 de Agosto de 2020).
- Xifra-Heras, J. (1974). *A informação: análise de uma liberdade frustrada*. Rio de Janeiro: Lux; São Paulo: EDUSP, pp. 346.